



Sociedade da Língua Portuguesa
Instituto de Cultura



2º Colóquio Anual da Lusofonia SLP [Bragança]
7-8 novembro 2003 com o patrocínio da



LISTA DE PARTICIPANTES

2º Colóquio Anual da Lusofonia SLP [Bragança] 7-8 novembro 2003

SINOPSES DOS TRABALHOS

Temas:

1	<i>A LÍNGUA PORTUGUESA HOJE: SITUAÇÃO E PERSPETIVAS</i>
2	<i>DIFUSÃO E POLÍTICA DA LÍNGUA</i>
2.1	<i>EXISTE UMA POLÍTICA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA?</i>
2.2	<i>O FUTURO DO PORTUGUÊS NA E.U.</i>
2.3	<i>O PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO</i>
2.4	<i>O PORTUGUÊS NAS COMUNIDADES LUSO-DESCENDENTES</i>
3	<i>ENSINO/APRENDIZAGEM</i>
3.1	<i>O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NÃO-MATERNA</i>

Lista de participantes com comunicações (ordem alfabética): (Para obter as SINOPSES carregue no TEMA)

1)	<u>Ana Júlia Perrotti-Garcia</u>	<u>Tema 1</u>
2)	<u>Ana Maria DÍAZ Ferrero</u>	<u>Tema 3</u>
3)	<u>Ângelo Cristóvão</u>	<u>Tema 2.3</u>
4)	Cristina de Mello	
5)	<u>Florencia Miranda</u>	<u>Tema 2.1</u>
6)	<u>Diego Bussola</u>	
7)	<u>Edite Prada</u>	<u>Tema 2.3</u>
8)	<u>Francesca Blockeel</u>	<u>Tema 3.1</u>
9)	<u>Isabel Aires de Matos</u>	<u>Tema 3.1</u>
10)	<u>Jorge Manuel Almeida e Pinho</u>	<u>Tema 2.3</u>
11)	<u>José Augusto Seabra</u>	<u>Tema 1</u>
12)	<u>José Carlos Marques</u>	<u>Tema</u>
13)	<u>José Costa Ideias</u>	<u>Tema 3.1</u>
14)	José Manuel Matias	Tema
15)	<u>Lola Gerales Xavier</u>	<u>Tema 1</u>

16) Luciano Pereira	Tema
17) M.* Helena Anacleto Matias	Tema 2.4
18) Padre Jaime Coelho	Tema 3.1
19) Regina Brito Moisés Martins	Tema
20) Rosário Durão	Tema 2.2

Seguem-se as comunicações (ordem alfabética de nomes próprios)

1. ANA JÚLIA PERROTTI-GARCIA Instituto Global Línea A – Tradutor de Ciências Médicas e Dentais, S. Paulo, Brasil drajulia@terra.com.br www.benvindos.com.br/drajulia

Ana Júlia Perrotti-Garcia, graduada em Letras Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (UniFMU), São Paulo, Brasil; Certificado de *Proficiency* em língua inglesa Universidade de Cambridge, UK; certificado de Estudos Avançados em Língua Inglesa - Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa; graduada em Odontologia – Universidade de São Paulo (USP-SP), Brasil; especializada em Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial pela Universidade Metodista, Brasil; professora de Inglês desde 1984 e de Português para estrangeiros desde 1999; ministradora de cursos e palestras sobre ensino de línguas, técnicas e prática de tradução, em Faculdades (área de humanas e biológicas) e eventos científicos; autora de cinco dicionários Inglês-Português – Português -Inglês (Editoras SBS, Atheneu e Santos) e cursos de Inglês (Médico e Odontológico); traduziu mais de 20 grandes livros para reconhecidas editoras Brasileiras e Internacionais; tradutora de *sites* médicos; editora de conteúdo do site *Isols* (*International Society of Limb Salvage*), tradutora oficial do material impresso a ser distribuído aos participantes do Simpósio Internacional de Médicos Ortopedistas – Rio 2003. Maiores informações podem ser obtidas na página www.benvindos.com.br/drajulia. Atualmente dedica-se exclusivamente a tradução e revisão, treinamento e avaliação de tradutores, preparação de material didático e de referência, apresentação de cursos e de palestras.

TEMA 1 A LÍNGUA PORTUGUESA HOJE: SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS

TÍTULO: A IMPORTÂNCIA DOS GLOSSÁRIOS BILÍNGÜES PARA A DIFUSÃO DO PORTUGUÊS NA COMUNIDADE CIENTÍFICA.

À medida que o Português se fortalece como língua e os países lusófonos se reafirmam como nações econômica e culturalmente respeitadas, torna-se crescente o número de pessoas interessadas em aprender a língua de Camões. Na experiência da autora, há mais de vinte anos ensinando Inglês Médico e Odontológico, autora de quatro grandes dicionários bilíngues, essa tendência vem se reafirmando a cada dia. No passado, mais de 95% dos alunos e clientes queriam passar seus textos para o Inglês. Na atualidade, clientes de diversas procedências (Espanha, Iugoslávia, Argentina, Canadá, Japão, entre outros) solicitam que a maioria dos trabalhos seja traduzida PARA o Português – apontando para a importância dos glossários bilíngues, principalmente nas áreas técnicas. Esses textos, até início dos anos 1990 indicados para facilitar o contato com a língua inglesa, hoje vêm servindo de “embaixadores” para empresas e profissionais do mundo todo, cada vez mais interessados em conhecer e dominar a nossa Língua Portuguesa.

Tão relevante quanto os glossários bilíngues propriamente ditos é a comunidade lusófona ter consciência de sua existência, de seu valor como ferramentas de trabalho e da importância da divulgação e adoção desse material (esteja ele impresso ou disponível na forma eletrônica).

2. ANA MARIA DIAZ FERRERO Profesora Facultad de Traducción e Interpretación Universidad de Granada España anadiaz@ugr.es

Ana Maria Díaz Ferrero é Professora de Tradução Português-Espanhol na Faculdade de Tradução e Interpretação da Universidade de Granada desde 1991. Doutora em Filologia Românica pela Universidade de Granada no ano 1996. Apresentou a tese de doutoramento em 1996 sobre "A mulher nos provérbios portugueses" na Universidade de Granada. Trabalho atual na investigação da paremiologia e da tradução.

TEMA 3: ENSINO-APRENDIZAGEM

RESUMO: DIFERENÇAS CULTURAIS NA TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS PARA O ESPANHOL

A semelhança que existe entre a língua portuguesa e a espanhola facilita aos espanhóis a aprendizagem do português, mas torna-se numa fonte de erros e de interferências na tradução. São os falsos amigos que podemos localizá-los tanto numa palavra como numa estrutura gramatical ou sintática, numa locução, ou numa expressão idiomática. Além disso, podem aparecer a nível semântico, ortográfico, prosódico, morfológico, sintático ou cultural. Neste trabalho, analisamos algumas dificuldades e interferências que podem aparecer na tradução da língua portuguesa para a espanhola devido às diferenças socioculturais

3. ÂNGELO CRISTÓVÃO ANGUEIRA – Associação de Amizade Galiza-Portugal

ÂNGELO CRISTÓVÃO nasceu em Santiago de Compostela em 1965 sendo Licenciado em Psicologia pela Universidade de Santiago (1988), especializou-se em Psicologia Social. Obteve os melhores resultados académicos na matéria de “Métodos e Técnicas de investigação nas Ciências Sociais”. Empresário. Diretor dos Armazéns Eládio, S.A. desde 1990.

Em 1995 fundou a sua própria empresa: Agrideco, sociedade limitada com sede social em Santiago de Compostela com atividade em toda a Galiza. A atividade empresarial não o impede desenvolver um vivo interesse pela investigação em temas e língua e cultura nacional.

Em 1987, sendo estudante, participa no III Congresso Espanhol de Psicologia Social (Valência), com a comunicação: "Uma escala de atitudes perante o uso da língua", resultado de um projeto de investigação desenvolvido na Faculdade de Psicologia da Universidade de Santiago. Publicada posteriormente na revista Agália.

No mesmo ano de 1987 ajuda a constituir um grupo de investigação em sociolinguística, sendo o seu secretário até 1990. Fruto deste trabalho são diversos artigos publicados em revistas e congressos internacionais.

Em 1990 publica na revista *Noves de Sociolinguística* (Barcelona, Institut de Sociolinguística Catalana, da Generalitat de Catalunya) uma "Bibliografia de sociolinguística lusófona", posteriormente editada também em Braga na revista lusófona *Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística*.

Atualmente exerce a função de secretário da Associação de Amizade Galiza-Portugal, presidida pelo Professor Doutor Xavier Vilhar Trilho, da Universidade de Santiago de Compostela.

É também membro de outras associações culturais como as Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, com sedes em Viana do Castelo e Ponte Vedra.

Artigos e comunicações publicadas:

(1988a): "Identidade linguística na Galiza espanhola", in *Nós*, n.º 16-20, pp. 139-146.

(1988b): "Uma escala de atitudes perante o uso da língua", in *Agália*, n.º 14 (verão), pp. 157-177.

(1988c): "Considerações sobre as atitudes face à Língua na Galiza", in *Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística*, vol. IV-V, n.º. 14-20, pp. 123-127.

(1989): "Aspectos sociolinguísticos da problemática linguística e nacional na Galiza Espanhola", in *Atas do II Congresso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, Ourense, pp. 237-254.

(1990): "Bibliografia de Sociolinguística lusófona", in *Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística*, vol. VI, n.º. 21-26, pp. 71-99; in *Noves de Sociolinguística*, n.º. 9, Barcelona, pp. 3-33.

(1992): "Language Planning: Atitudes", in *Atas I Congreso de Planificación Lingüística*, Santiago de Compostela, pp. 383-400.

(1994): "Medição de variáveis: competência e uso linguístico", in *Cadernos do Instituto de Estudos Luso-Galaicos "Manuel Rodrigues Lapa - Ricardo Carvalho Calero"*. Associação de Amizade Galiza-Portugal, Série "Investigação". vol. I, *Comunicações suprimidas*, n.º. 2.

(2003): "Paradoxos da Galiza", *Semanário Transmontano*, 3 de julho.

TEMA 2.3. O PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO

RESUMO: SOCIOLINGUÍSTICA E CIENTIFICIDADE NA GALIZA

Na revisão bibliográfica da sociolinguística galega desenvolvida nos últimos 25 anos temos observado que, contrariamente ao esperável em função do aparelho crítico e metodológico, herdado principalmente da sociologia mas também da crítica literária, não se tem iniciado a crítica teórica, epistemológica. As bibliografias publicadas até ao momento têm sido recompilações ou repertórios ordenados mas não comentados nem analisados. Para o desenvolvimento desta disciplina propõe-se adotar critérios semelhantes aos das ciências sociais, nomeadamente a sociologia. A procura do progresso da sociolinguística deve atender primeiramente a um adequado planeamento do objeto do estudo. Em segundo lugar, a adoção de métodos e técnicas apropriadas. Em terceiro lugar, a procura de uma formalização, tanto no planeamento dos problemas e das investigações quanto no desenvolvimento e apresentação pública dos trabalhos. Conill assinala, no seu trabalho "Dizer o sentido" dois paradigmas ou teorias gerais da sociolinguística, em que se inserem duas conceções divergentes e aparentemente contrapostas: o modelo de conflito linguístico proveniente da sociolinguística catalã (Aracil) que serve para compreender e descrever a situação das comunidades linguísticas minorizadas, e o modelo da diglossia (Ferguson), correspondente às línguas normalizadas. Para compreender a situação sociolinguística da Galiza é precisa uma correta aplicação de ambos os modelos.

4. CRISTINA DE MELLO -ausente

5. DIEGO BUSSOLA -ausente com

6. FLORÊNCIA MIRANDA

Diego Bussola é Licenciado em História pela Universidade de Buenos Aires.

Florência Miranda é Licenciada em Português, formada na Universidade Nacional de Rosário (Argentina). Bolseira do Instituto Camões para a realização do Mestrado em Linguística na Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do Centro de Linguística da UNL. Professora auxiliar de Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino da LE no Curso de Formação de Professores e na Licenciatura da UNR (Argentina). Nessa mesma Universidade integra o Centro de Estudos Comparatistas e já foi Coordenadora de área e professora de português nos cursos de extensão à comunidade. Foi professora titular no Curso de Formação de Professores da Universidade Nacional do Nordeste (Argentina). Participou como professora no projeto *Escolas Bilingues* da Secretaria de Educação da Cidade de Buenos Aires. Tem participado em diversas atividades de formação e/ou atualização na Argentina e no exterior (Brasil, Cuba,

México, França e Portugal). É sócia fundadora da Associação Argentina de Professores de Português e foi membro da sua comissão diretiva desde 1997 até 2001.

TEMA 2.1. EXISTE UMA POLÍTICA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA?

RESUMO: CAMINHOS DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ARGENTINA

Na sequência dos objetivos que orientam o 2º Colóquio Internacional da SLP (e em particular os que dizem respeito a “explorar e analisar as questões de divulgação da LP no mundo”, “analisar as suas modalidades práticas” e “contribuir para a presença, difusão e consolidação da LP no mundo”), a presente comunicação visa refletir sobre a situação atual do português na Argentina. Consideramos esta reflexão pertinente na medida em que sobretudo na última década – e por razões que deveremos explicitar – tem sido possível observar uma significativa expansão da presença da língua portuguesa no panorama educativo e cultural do país. Em termos concretos, interessa-nos explorar os mecanismos específicos de divulgação da LP (criação e/ou desenvolvimento de cursos de formação de professores, realização de eventos de discussão e intercâmbio, implementação de experiências de ensino no sistema educativo formal, surgimento de uma associação nacional de professores de português, etc.) e as consequências que estas práticas têm produzido quer no mercado de trabalho quer no âmbito educativo. Por outro lado, e uma vez que a Argentina enquanto integrante do Mercosul mantém estreitas relações com o Brasil, consideramos relevante pensar qual o espaço que as diversas ações de difusão têm outorgado à *diversidade linguística e cultural* veiculada pela língua portuguesa; isto é, quais as atitudes e práticas observáveis em relação à problemática da «lusofonia». Assim, esperamos com esta comunicação poder contribuir para a reflexão conjunta sobre o panorama da língua portuguesa num espaço não lusófono, explorando os caminhos percorridos e vislumbrando as novas perspetivas que se apresentam.

7. EDITE PRADA, INSPEÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO EDITEPRADA@NETCABO.PT

Edite C. F. Prada nasceu em Izeda, Bragança, a 28 de julho de 1954. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, Estudos Portugueses e Franceses em 1985, na Universidade de Lisboa, e concluiu o mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses da Universidade Aberta em 2001, tendo realizado a dissertação, intitulada *Produção de Construções Adversativas no Português Europeu*, em linguística.

Professora do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, envolveu-se em vários projetos visando a aprendizagem da língua portuguesa. Lecionou em turmas designadas “grupo de nível”, isto é, constituídas por alunos com situações recorrentes de insucesso. Foi professora de Latim, tendo regressado à faculdade para fazer as cadeiras relacionadas com esta língua que integram o curso de Estudos Clássicos. Aderiu à implementação dos cursos profissionais, nas escolas, lecionando em turmas do curso profissional de Secretariado. Foi orientadora dos estágios integrados pela Universidade Nova de Lisboa. Está, desde o ano letivo de 2002-2003, a prestar serviço em regime de requisição nos serviços centrais da Inspeção-Geral da Educação, onde faz revisão de texto e colabora na organização do Centro de Documentação. É consultora do Ciberdúvidas. Efetuou várias comunicações nos congressos da Associação Portuguesa de Linguística, estando os artigos publicados nas atas correspondentes.

TEMA 2.3 O PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO

RESUMO: LUSOFONIA E AUTO-ESTIMA

Sob o título *Lusofonia e autoestima* reflete-se sobre a importância do conhecimento das especificidades do português falado em diferentes locais e da sua aceitação como variação da língua, pretendendo demonstrar-se que o conhecimento da variedade linguística e a aceitação dessa variedade, podem, em comunidades mais fragilizadas, ser um meio de implementar a autoestima. O trabalho apresentado é o resultado, no âmbito do ensino da língua portuguesa, de um projeto desenvolvido no ano letivo de 2001-2002, numa turma do 9.º ano profissional, área de Secretariado, na Escola Secundária do Monte de Caparica. Porque grande número de alunos é descendente de pais cabo-verdianos, decidiu-se dedicar, na escola, uma semana à cultura deste país. A organização dos trabalhos coube à turma do curso profissional de Secretariado do chamado 9.º mais 1, constituída, maioritariamente, por descendentes de cabo-verdianos. O trabalho envolveu os diferentes professores, tendo cada um abordado aspetos diversos. Na aula de Português refletiu-se sobre a variedade linguística. Começou-se por sensibilizar os alunos para o valor e riqueza da diversidade regional que a língua comporta. Analisaram-se alguns textos em que surgiam vocábulos diferentes para designar uma mesma realidade em diversos pontos de Portugal. Analisaram-se de seguida textos que focavam características e sentidos de alguns vocábulos em Cabo Verde. Selecionaram-se poemas que a turma leria perante a comunidade educativa. À medida que a atividade se ia desenvolvendo, foi crescendo, visivelmente, a autoestima dos alunos que, ao longo da análise efetuada, verificaram que certas palavras usadas pelos pais com um sentido diferente tinham esse sentido em Cabo Verde, não se tratando, como eles pensavam, de um mero desconhecimento da língua portuguesa, mas sim do conhecimento dessa língua num outro espaço, com outros sentidos. Esta evolução positiva permitiu levar a cabo um dos objetivos que foi apresentado aos alunos logo no início do projeto e que fora rejeitado liminarmente por eles: a leitura, em público, de um poema em crioulo. No final, não só o leram, como se apresentaram com trajes típicos daquele país, assinalando, deste modo, o orgulho na sua origem, com claro benefício para o seu crescimento pleno.

8. FRANCESCA BLOCKEEL Lessius Hogeschool Antuérpia Bélgica (associação com a Universidade de Lovaina)

Francesca Blockeel estudou Filologia Românica na Universidade de Gent (Bélgica) e fez um Mestrado de Literatura Espanhola na Universidade de Lille em França. Em 2000 defendeu a sua tese de doutoramento na Universidade de Leuven (Lovaina, Bélgica), sobre o nacionalismo e a identidade cultural na literatura juvenil portuguesa do período pós-revolucionário (1974-1994).

É autora do livro "Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade (Lisboa, Caminho, 2001).

Deu aulas de francês e atualmente é professora no Ensino Superior, dando aulas de português no Instituto de Intérpretes e Tradutores em Antuérpia (Lessius-Hogeschool) e de espanhol na School for Management Assistents em Gent (Artevelde-Hogeschool).

TEMA 3.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA MATERNA E NÃO-MATERNA

RESUMO: DIDÁTICA DE APRENDIZAGEM DE IDIOMAS OU DIDÁTICA DA TRADUÇÃO?

Na minha comunicação abordo em primeira instância o ensino da língua portuguesa ao nível profissional de tradutor e/ou intérprete na Flandres e na Bélgica, onde é sempre a terceira ou quarta língua estrangeira. Faço uma breve comparação com a situação do espanhol. A seguir trato os problemas que surgem nos departamentos de tradutores em distinguir entre o ensino de uma língua estrangeira e o ensino das técnicas de tradução de e para uma língua estrangeira. Os professores são tradutores com vasta experiência na prática ou são filólogos com um alto grau de conhecimento da língua e da cultura estrangeiras mas que quase nunca traduzem? Aplicamos uma didática dirigida a aprender da melhor forma possível outro idioma ou trata-se de uma didática da tradução? Qual é a situação de partida, quais são os objetivos de ambas opções? Que influência tem isso na maneira de avaliar os estudantes? Eis algumas das questões que queria debater.

9. ISABEL AIRES DE MATOS, Professora Coordenadora ESE (Escola Superior de Educação) VISEU.

Doutorada em Linguística e Didática pela Universidade Stendhal – Grenoble III (França). Assegura a docência das disciplinas de Sociolinguística e de Didática dos cursos de Formação de Professores. Tem publicado artigos e proferido comunicações em encontros nacionais e internacionais no âmbito da Sociolinguística e da Didática das Línguas, nomeadamente, do Ensino do Português como Língua Segunda.

TEMA 3.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA MATERNA E NÃO-MATERNA

RESUMO: ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA E PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: SITUAÇÃO ACTUAL. (TÍTULO PROVISÓRIO)

O objetivo desta comunicação visa fazer uma abordagem da situação atual do ensino do Português, como língua segunda e como língua estrangeira, no território nacional. País extraordinariamente homogéneo do ponto de vista linguístico, Portugal passou, num curto espaço de tempo, de país de emigração profundamente enraizada, a país de imigração. Qual tem sido a resposta da escola e, de um modo mais geral, das instituições e da sociedade civil a este novo desafio, no que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa é o levantamento que nos propomos fazer.

10. JORGE MANUEL COSTA ALMEIDA E PINHO, Mestre em Estudos de Tradução / Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes (ISAI) – Porto

Natural de Ovar licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (variante de Inglês-Alemão), em 1988, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nesta mesma faculdade seria concluída, em 1991, a Especialização em Tradução de Inglês-Português. Durante esta especialização foi bolseiro do Programa LÍNGUA, na Universidade de Glasgow, Escócia, integrado num projeto de Tradução de Inglês-Português.

Em junho de 1998, tornou-se no primeiro Mestre português na área dos *Estudos de Tradução*, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a tese *O Escritor Invisível: A Tradução tal como é Vista pelos Tradutores Portugueses*.

Profissionalmente foi, entre 1991 e 1996, Coordenador-Geral de Edição e Gestor do Departamento de Dicionários da Porto Editora, Lda. No âmbito deste cargo seria, entre 1993 e 1996, o Consultor Lexicográfico e Coordenador da Porto Editora Lda. no Programa Europeu STRIDE, para o Projeto "Elaboração de Dicionário Eletrónico da Língua Portuguesa e Dicionário Eletrónico de Inglês-Português".

Docente do Ensino Superior desde 1991, tem vindo a exercer a sua atividade como professor de Tradução Escrita – Técnica e Literária, Tradução Consecutiva e Interpretação de Inglês-Português, e Teoria da Tradução, no Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes (ISAI), Porto. É ainda docente de Inglês no Instituto Superior de Administração e Gestão (ISAG), Porto.

Atualmente, para além das suas funções como docente, ocupa o cargo de Diretor da Licenciatura Bietápica em Tradução e Interpretação do ISAI. É Membro do Conselho Pedagógico do ISAI desde o ano 2000, e é também Diretor Editorial da Revista Científica de Estudos de Tradução, *Génesis*.

Tradutor Profissional na área da tradução técnica, tem desenvolvido projetos diversos para empresas de tradução nacionais e internacionais, em vários domínios de tradução especializada. Como tradutor de audiovisuais, colabora desde 1997 com o Ovarvídeo – Festival Nacional de Vídeo – organizado pela Câmara Municipal de Ovar.

Executa ainda inúmeros projetos de tradução para diversas casas editoras, tendo obras traduzidas nas áreas da Literatura Infantil, História, Ensaio e Literatura. Na lista de autores traduzidos, contam-se personalidades como Noam Chomsky, Basil Davidson, Ernest Gellner, Margaret Joan Anstee, Erwin Schrödinger, Múmia Abu-Jamal, Diane Ackerman, Paul Hare, Russell Stannard, John MacInnes, David Lynch, Gilbert Herdt e Bruce Koff.

TEMA 2.3 O PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO

RESUMO: MIA COUTO: A POESIA DA NARRATIVA NA CRIAÇÃO DA LÍNGUA

Mia Couto é um escritor moçambicano que escreve em língua portuguesa sobre a contemporaneidade, tal como ela se apresenta perante os seus olhos. Mas é uma contemporaneidade repleta de recursos temporais passados, rebuscados nas marcas ancestrais de um povo enraizado na terra muito tempo antes da chegada dos portugueses. É dessas épocas e com recurso a essas marcas que Mia Couto procura, por vezes, explicar o que à primeira vista não é explicável. Daí que as razões na prosa de Mia Couto pareçam enfermar de um misticismo irrealizável, quase sobrenatural. O problema é afinal mais vasto, é o problema da moçambicanidade, um conceito vago na encruzilhada de múltiplas culturas. As raízes documentadas da literatura moçambicana remontam apenas a 1950, a João Dias, e revelam uma escrita dominada pela imaturidade e pela reação veemente do colonizado perante o colonizador. É o negro moçambicano enquadrado num sistema colonialista, com a exploração de temas como o racismo e a exploração a que o negro estava quotidianamente sujeito. Mas com a independência, a pouco e pouco, os escritores moçambicanos libertaram-se do «estigma poético» e surgem com uma escrita prosada, tórrida de experiências da terra e da guerra, ou seja do povo, uma escrita de prosadores dotados que falam da realidade que conhecem. Mas se a questão das origens é vasta, ainda mais complicada é a do estilo usado por Mia Couto. É uma escrita que apresenta o povo, predominantemente o das zonas rurais, sem estereótipos, como se as coisas tivessem acontecido noutra «mundo». Mia assume-se criador, mas reafirma que as suas personagens têm de conservar imagem e semelhança com a realidade, continuando seres normais, sem os «engrandecimentos» ociosos dos altos pensamentos artificiais. A grandeza de alma das pessoas retratadas por Mia Couto reside na paixão com que vivem, na maneira como expõem as suas maleitas, os seus tiques, a sua vontade de continuar, de transformar, de refletir. No estilo de Mia Couto o compromisso entre a magia e a realidade serve para o autor resolver a questão da inserção na sua escrita das preocupações espirituais do homem africano e a necessidade que este tem de uma fórmula mágica que lhe permita retirar a amargura da realidade e ser humano. Todavia, até que ponto não é intenção primordial deste estilo e mistura entre magia e realidade, um instrumento ao mesmo tempo complexo e simples para se arquitetar uma língua nova, recheada de neologismos evocativos da realidade moçambicana, do universo místico e sempre criador de todo um continente berço da humanidade – África?

11. JOSÉ CARLOS MARQUES,

Professor universitário, pesquisador e colunista. Doutor em Ciências da Linguagem Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

José Carlos Marques é natural da cidade de São Paulo (Brasil), onde nasceu em 1966. Licenciou-se em Letras - Português-Francês - pela Universidade de São Paulo (USP) em 1988 e obteve o título de mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 1998. Em 2003, doutorou-se em Ciências da Linguagem (Jornalismo) pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atuou como chefe de redação na área de atendimento ao consumidor durante 10 anos e como redator de esportes do site do ex-jogador Pelé (<http://www.pele.net/>). Atualmente, é professor universitário em cursos de comunicação, pesquisador e colunista do site <http://www.trivela.com/>, no qual assina textos sobre o futebol paulista e o futebol português.

TEMA 2.3 O PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO

TÍTULO: O BRASIL QUE FALA É O BRASIL QUE SE ESCREVE (AS MARCAS DE ORALIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA EM INSCRIÇÕES POPULARES NO INTERIOR DO PAÍS)

Sinopse: Num país marcado por inúmeras desigualdades sociais e dotado de um sistema educacional deficiente, como o Brasil, a linguagem escrita é fruto de manifestações que, frequentemente, contrariam a norma padrão da língua portuguesa. Esse fenômeno ganha singularidade em diversas inscrições de beira de estrada, muitas delas espalhadas pelo interior e cidades pequenas. São placas, cartazes, avisos, anúncios e tabuletas que retratam um lado da população brasileira semianalfabeta e em que se destacam duas particularidades: os enunciadores, ao reproduzir graficamente determinadas palavras, desrespeitam involuntariamente as regras ortográficas; algumas inscrições compõem enunciados hilariantes e ambíguos, que negam o que se queria anunciar originalmente. Este trabalho procura analisar como esses "desvios" normativos podem ser lidos à luz de uma cultura fortemente ligada à oralidade, que se sobrepõe à linguagem escrita e evidencia um universo ainda rural, deslocado dos avanços econômicos da urbanidade. Parte dessas inscrições foram recolhidas *in loco*; outras pertencem à obra *O Brasil das placas: viagem por um país ao pé da letra* (Superinteressante/abril, São Paulo, 2003, de José Eduardo Camargo). Todas elas denunciam uma tradição oral que, nos dizeres do medievalista suíço Paul Zumthor, implica uma primazia do ritmo sobre o sentido, da atitude sobre o conceito. A vocalização e a nova sintaxe que derivam dessas "incorreções" linguísticas produzem o que o modernista brasileiro Oswald de Andrade chamou de "A contribuição milionária de todos os erros": os novos enunciados dessa língua portuguesa, adulterada em seus cânones normativos, devem ser lidos assimetricamente, convocando cérebro e voz a uma inédita cultura da imagem. A unidade de sentido clássica é

subvertida por um primitivismo ingênuo, que consegue mostrar-se original ao mesmo tempo em que dá conta do conflito interno de um país que, ao modernizar-se, revela também as deficiências de aprendizagem e aquisição das formas cultas da língua materna.

12. JOSÉ ANTÓNIO DA COSTA IDEIAS

Licenciatura em Filologia Românica (FLUL)

Pós-graduação/Mestrado em Literatura, área científica Literatura Francesa (FLUL)

Doutorando em Literatura Comparada (domínio românico e neo-helénico)

Professor-adjunto/ISCE – Instituto Superior de Ciências Educativas.

Coordenador do Curso de Formação de Professores (P.E.B., 2º ciclo, na variante de Português-Francês (ISCE).

Membro do CEC (Centro de Estudos Clássicos) – responsável pela área científica de Estudos Neo-helénicos – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FSCH)/ Universidade Nova de Lisboa (UNL).

Docente de Grego Moderno (Língua e Cultura) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL)

Coordenador científico-pedagógico e docente dos Cursos de Português, língua não-materna (cursos anuais e de verão) na Sociedade da Língua Portuguesa (SLP/Instituto de Cultura, Lisboa)

Áreas de particular interesse científico/investigação:

- ✿ Estudos Literários e Culturais Comparados, Estudos Neo-helénicos, Estudos de Tradução/Tradutologia, Didática e Didatologia das Línguas e Culturas Estrangeiras (Português, Francês, Grego Moderno) e Estudos Interculturais.
 - ✿ Membro da APP (“Associação de Professores de Português”) e da APPF (“Associação Portuguesa de Professores de Francês”)
 - ✿ Membro da APLC (“Associação Portuguesa de Literatura Comparada”) e da ICLA/AILC (“Associação Internacional de Literatura Comparada”)
 - ✿ Membro da “International Association for Greek as a Second/Foreign Language” – University of Patras, Greece – (Διεθνές Ένωση για τα Ελληνικά ως δεύτερη ή ξένη γλώσσα – Πανεπιστήμιο Πατρών, Ελλάδα).
 - ✿ Cofundador da “Associação Europeia de Estudos Neo-helénicos” (Atenas/Grécia)
 - ✿ Membro da “Associação de Estudos Neo-helénicos” – Estados Unidos da América/“Modern Greek Studies Association” (MGSA USA)
 - ✿ Cofundador e membro da “Sociedad Hispánica de Estudios Neogriegos” – SHEN – (Espanha). Membro da Direção.
 - ✿ Correspondente em Portugal de “Estudios Neogriegos” (SHEN - Espanha)
 - ✿ Presidente da Secção Portuguesa da ‘Société Internationale des Amis de Nikos Kazantzaki’ (SIANK)
- Membro do Comité de Coordenação da SIANK, responsável pelo mundo lusófono (Portugal, Brasil e países africanos de língua oficial portuguesa)
- ✿ Tradutor – literário/técnico – Grego Moderno, Neerlandês/Flamengo/Africânder, Alemão, Inglês, Francês, Espanhol (Castelhano), Galego, Catalão, Italiano> Português. Prémio Internacional de Tradução SLP (1998)
 - ✿ Membro da APT – “Associação Portuguesa de Tradutores”
 - ✿ Membro da EST – “European Society for Translation Studies”
 - ✿ Membro da IATIS – “International Association for Translation and Intercultural Studies”
 - ✿ Intérprete.
 - ✿ Membro da SPA – “Sociedade Portuguesa de Autores”.
 - ✿ Ensaísta.
 - ✿ Crítico literário.
 - ✿ Agente literário (Grécia> Portugal)
 - ✿ Consultor de Grego Moderno (Língua e Cultura).

jcideias@mail.telepac.pt

TEMA 3.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA MATERNA E NÃO-MATERNA

TÍTULO: LÍNGUA/LITERATURA/CULTURA: REFLEXÕES EM TORNO DE POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO /APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS, LÍNGUA NÃO-MATERNA

13. JOSÉ MANUEL MATIAS

Licenciado em História e Mestre em Estudos Africanos.

Professor de História do Ensino secundário.

Professor na Universidade do Zimbabué de 1993 a 1998.

Professor da Universidade Agostinho Neto de 1998/20.

Exerce atualmente funções no Instituto Camões.

14. LOLA GERALDES XAVIER Professora Assistente Escola Superior de Educação de Coimbra
lola@esec.pt

Lola Geraldes Xavier é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Português-Francês, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), mestre em Literatura Portuguesa, com uma dissertação sobre o teatro de Garrett, igualmente pela FLUC. Acaba de frequentar a pós-graduação em Literaturas e Culturas Africanas e da Diáspora. Encontra-se a preparar Doutoramento na área de Literatura Comparada de Língua Portuguesa.

É assistente na Escola Superior de Educação de Coimbra, na área científica de Língua Portuguesa, desde 2000.

Tem apresentado comunicações em vários Congressos Internacionais nas áreas de Literatura Portuguesa, Didática da Literatura, Linguística e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

TEMA 1. A LÍNGUA PORTUGUESA HOJE: SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS

RESUMO: DA LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS PRODUTIVIDADES: À PROCURA DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA.

A língua portuguesa enquanto *ser vivo* vem mudando de roupagens e tonalidades, numa palavra: evoluindo. É geralmente uma evolução em prol da simplificação ou da procura do estatuto social que se crê estar na norma (desconhecida). É geralmente uma involução para os mais puristas e uma confusão para os mais atentos, mas não especialistas da língua. Qual a pertinência do conceito de norma? Porque é que a norma de Lisboa já não é o que era? Qual a importância da relação sociedade — língua? Como lidar com os neologismos e os estrangeirismos? Sabemos que, segundo John Lyons, alguns traços fundamentais característicos da linguagem humana são a arbitrariedade, a dualidade, o caráter discreto e a produtividade. Até que ponto a produtividade ou o Sistema linguísticos permitem as transformações constantes na língua portuguesa? Sabemos também que a competência dos falantes nem sempre é visível na performance linguística. Acontece, porém, que muitas vezes essa performance se vai transformando em (in)competência e um erro linguístico sobejamente repetido se vai tornando norma. Apresentaremos exemplos de situações retiradas dos meios de comunicação social e de situações do quotidiano que mostram que, de evoluções em involuções, a língua portuguesa se vai tornando outra, não deixando de ser a mesma.

15. LUCIANO PEREIRA Professor Adjunto da E.S.E. (Escola Superior de Educação) Setúbal,
Portugal lucianop@mail.telepac.pt

Licenciado em línguas e Literaturas Modernas, Mestre em Literaturas Medievais e Doutorando em Literaturas Românicas Comparadas.

- ✎ - Professor do Ensino Secundário. (Setúbal)
- ✎ - Orientador pedagógico, Assistente e Professor Adjunto (Escola Superior de Educação de Setúbal)
- ✎ - Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa.
- ✎ - Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas – Embaixada de Portugal em Bona
- ✎ - Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2003)

DISCIPLINAS LECCIONADAS: Linguística, Língua portuguesa, Aquisição da linguagem, Literaturas de expressão portuguesa, Literatura tradicional, Literatura para a infância, Cultura portuguesa, Língua, cultura e literatura francesa.

PUBLICAÇÕES

1. Comunicações e artigos sobre o ensino da língua materna:
 - O telejornal na aula de Português.
 - As cores da língua portuguesa como expressão de cultura.
 - L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues.
2. Ensaio:
 - O bestiário e os contos tradicionais portugueses.
 - O universo do imaginário.
3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (colaboração):
 - A cidade. O mundo das línguas.

TEMA 2.3 O PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO

RESUMO: OS AÇORES E OS AÇORIANOS NA LITERATURA TRADICIONAL DE SANTA CATARINA.

O estudo e a valorização do contributo açoriano no sul do Brasil têm sido uma constante desde os anos cinquenta, e em particular desde o Congresso de Florianópolis, comemorativo do bicentenário da colonização açoriana. A influência açoriana sobre a arte e em particular sobre a arquitetura tem sido frequentemente referida. O estudo das influências do falar açoriano sobre o português de Santa Catarina foi iniciado por Paiva Boléo e Oswaldo Furlan. É, segundo Pavão Júnior, nas manifestações do imaginário popular que o contributo das ilhas é mais nítido e eloquente. As festas dos Reis e do Espírito Santo, apesar das suas profundas transformações, são exemplos vivos do vigor e tenacidade desse imaginário. Falar de imaginário catarinense é falar do universo de Franklin Cascaes. Melhor do que ninguém soube preservar, valorizar e recriar a herança açoriana naquelas longínquas terras de Nossa Senhora do Desterro. O imaginário açoriano-catarinense constitui a matéria-prima da sua diversificada obra artística onde se insere a sua criação literária. As suas narrativas expressam aspetos folclóricos e culturais, hábitos usos e costumes do povo açoriano. Numa pujante recriação dos contos, das lendas e dos mitos, o autor, de forma ritual, procede a um

percurso iniciático em demanda das suas origens. Das suas pesquisas junto às fontes existentes na Ilha de Santa Catarina, na maior parte orais, o autor não extrai ilações teóricas, nem envereda por frios quadros interpretativos. Antes, opta por atualizar os gestos e as histórias fundadoras, encarnando a própria alma do povo, para revelar as verdades primordiais e celebrar o mistério de um mundo ido que teima em ser o principal alimento do Homem novo. Na ilha, os lobisomens, as bruxas, os demónios e os boitatás são realidades. Elementos ilhéus convivem com reminiscências gregas em oníricas convergências aquáticas na ânsia das origens. Nas origens, o calor e as forças vulcânicas de um distante pedaço de terra desafiando o mar; a valentia, a coragem, a abnegação de um povo constituído de povo, gente pobre cujas únicas riquezas são a força do seu trabalho e a determinação da sua fé. A presente comunicação visa evidenciar alguns dos processos de valoração do povo açoriano assim como os mecanismos de estruturação de um mito fundador, assente na epopeia marítima das suas gentes.

16. MARIA HELENA ANACLETO MATIAS Docente da Área Científica de Línguas e Culturas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto

MARIA HELENA A. GARCIA ANACLETO MATIAS é licenciada e mestre pela Universidade do Porto em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Alemães e em Estudos Anglo-Americanos, respetivamente.

Foi bolsreira do DAAD na Alemanha, do Parlamento Europeu em Genebra e da Comissão Fulbright nos Estados Unidos. Trabalhou na Alemanha, no Parlamento Europeu em Bruxelas, Luxemburgo e Estrasburgo enquanto intérprete de conferências de inglês, alemão e francês para português e nos Açores enquanto professora de inglês no ensino oficial. As suas publicações vão desde os Estudos da Tradução à História e Política da Imigração para os Estados Unidos. Tem apresentado comunicações em congressos nacionais e internacionais em Portugal e no estrangeiro nas áreas da Cultura e Literatura Norte-Americana, da Linguística e dos Estudos da Tradução. Em dezembro de 2002 apresentou um trabalho no Congresso Mundial de Linguística Aplicada em Singapura.

Estudou uma comunidade Luso-Americana na Nova Inglaterra e também se deslocou ao arquipélago do Hawai. É fundadora do Núcleo de Estudos Americanos do ISCAP e organiza aí cursos de inglês extracurriculares e conferências. Atualmente é Docente do Departamento de Línguas e Culturas no ISCAP lecionando Interpretação de Conferências em inglês e português.

TEMA 2.4. O PORTUGUÊS NAS COMUNIDADES LUSODESCENDENTES DA COSTA LESTE (EUA)

SINOPSE FORMAS DE HIBRIDISMO LINGÜÍSTICO ENTRE LUSO-AMERICANOS DA COSTA LESTE

Baseada num estudo realizado enquanto observadora-participante na comunidade de Chicopee, uma cidade na parte ocidental do estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, defendo que nesta comunidade de lusodescendentes surgiram formas de hibridismo linguístico combinando a língua portuguesa e a inglesa.

De um ponto de vista sociolinguístico, pode-se considerar que os Luso-Americanos desta comunidade norte-americana inventaram um novo código linguístico. Houve um processo de hibridismo, o que pode levar a considerações do tipo “como um novo código com propósitos comunicativos pode surgir” e “como as relações biculturais, transculturais e multiculturais em tais comunidades” são um fator condicionante da maneira das pessoas se expressarem.

17. PADRE JAIME COELHO PROFESSOR JUBILADO DA UNIVERSIDADE DE SOPHIA, JAPÃO

TEMA 3.1 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: LÍNGUA MATERNA E NÃO-MATERNA

TÍTULO: SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS PAÍSES DE MATRIZ CHINESA (CHINA, COREIA, JAPÃO E VIETNAME)

PADRE JAIME COELHO, PROFESSOR JUBILADO DA UNIVERSIDADE DE SOPHIA, JAPÃO

Nasceu em Soeima, concelho de Alfândega da Fé, distrito de Bragança, no dia 31 de agosto de 1936.

- ✿ Ingressou na Companhia de Jesus em 1952, onde continuou todo o ensino médio e superior, obtendo a Licenciatura em Filosofia (1960), com a tese O Amor na Metafísica de Gabriel Marcel.
- ✿ Nesse mesmo ano partiu para o Japão, seguindo uma misteriosa vocação missionária que amadurecera durante uns quatro anos. Depois de dedicar dois anos e meio exclusivamente ao estudo da língua e cultura japonesas ingressou na Universidade Sophia, Tóquio, e nela obteve o doutoramento em Teologia, com a tese Batismo e Salvação.
- ✿ O convite, em 1968, para integrar o corpo docente da Universidade Sophia – Departamento de Estudos Luso-Afro-Brasileiros – marcou o rumo de uma vida de ensino da Língua e Cultura Portuguesas até ao presente.
- ✿ Além de vários manuais de ensino e de artigos publicados em revistas e enciclopédias, publicou em 1998 o Dicionário de Japonês-Português em dupla edição japonesa e portuguesa.
- ✿ Pretende aproveitar a longa experiência de ensino da língua e cultura de matriz portuguesa para enriquecer a lexicografia em Portugal. Acha que precisamos de melhores dicionários de português para estrangeiros e que a lexicografia é um meio fundamental para nos mantermos em contacto com outras culturas – e darmos a conhecer a nossa.

Sinopse: Foi através do português que se deu a conhecer a língua japonesa à Europa, até finais do séc. XIX. E as informações mais exactas do Extremo Oriente do séc. XVI foram igualmente transmitidas em português. Foram sobretudo os missionários portugueses que fizeram a transliteração latina das letras chinesas, que deixaram de se usar no Vietnam. Hoje em dia vê-se mais interesse dos orientais pelo estudo do português do que desejo dos portugueses de ensinarem a sua língua no Oriente. Portugal – e os outros países lusófonos – será um perdedor no séc. XXI, se não procurar responder a esse novo interesse.

18. REGINA BRITO com

19. MOISÉS MARTINS

REGINA HELENA PIRES DE BRITO (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE – SP – BRASIL) E

MOISÉS DE LEMOS MARTINS (UNIVERSIDADE DO MINHO – BRAGA – PORTUGAL)

REGINA HELENA PIRES DE BRITO é bacharel e licenciada em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo (USP), onde obteve os títulos de *Mestre* (1993) e *Doutora* (1998) em Semiótica e Linguística Geral. Há 15 anos exerce atividades ligadas à educação – passou pelas salas de ensino fundamental e médio, ao mesmo tempo em que começava a ministrar aulas para graduandos de Cursos de Letras e Letras/Tradutor. Hoje, além da graduação, é professora titular do Programa de *Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie*.

Como linguista do Projeto *Alfabetização Solidária* esteve em Timor Leste onde, além do contato com as diversas línguas locais, iniciou seus estudos acerca da variante do português ali praticado. A partir de suas experiências, foi convidada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil a integrar a equipe da USP que desenvolve novo projeto de difusão da língua portuguesa, intitulado “Universidades em Timor Leste”.

Esteve, também, em Moçambique discutindo com linguistas locais acerca da situação do português no país. Atualmente, investiga a problemática da *Língua e Identidade no Universo da Lusofonia*, tema de pesquisa de Pós-Doutoramento, sob a supervisão do Prof. Dr. Moisés de Lemos Martins, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Braga/Portugal).

Moisés de Lemos Martins é professor catedrático no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Fez toda a sua formação na Universidade de Ciências Humanas de Estrasburgo, tendo-se doutorado em Sociologia.

É professor e investigador da Universidade do Minho. É o diretor do Núcleo de Estudos de Comunicação e Sociedade (NECS) e da sua revista *Comunicação e Sociedade*. Ainda nesta Universidade, foi Presidente do Instituto de Ciências Sociais, e também do seu Conselho Científico, tendo desempenhado outras funções académicas.

Sócio fundador da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom), é atualmente o seu Vice-Presidente. Ajudou a fundar a Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (Lusocom), tendo sido o Presidente do seu IIIº Congresso, que se realizou na Universidade do Minho, em 1999.

Tem muitas dezenas de trabalhos académicos publicados (em obras coletivas, atas de colóquios e congressos, e em revistas, nacionais e estrangeiras). Entre outros livros, destaco os dois seguintes:

- (2002). *A Linguagem, a Verdade e o Poder. Ensaio de Semiótica Social*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 218 pp.

- (1996). *Para uma Inversa Navegação O Discurso da Identidade*. Porto, Afrontamento, 158 pp.

TEMA 2.3 O PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO

RESUMO: LÍNGUA E PERTENÇA IDENTITÁRIA NO CONTEXTO LUSÓFONO

A língua constitui-se como uma das dimensões da pertença identitária e, como tal, dependente tanto do conhecimento que dela se tem, quanto do reconhecimento que dela se faz. Assim, os critérios de pertença identitária se dão ora como fatores e expressões, ora como essência e significação: um enunciado como “falo português porque sou português” pode ter dois sentidos, fundamentalmente diferentes e estruturalmente inseparáveis: “minha língua é o produto de minha pertença a um grupo” (um traço de *natureza* social); “escolhi falar a língua que eu falo para assegurar minha pertença ao grupo” (uma marca significativa de *vontade* pessoal). Deste modo, se, por um lado, a língua avaliada apenas como sistema objetivamente analisável não caracteriza a pertença ao grupo; por outro, não basta à língua a qualidade de ser manifestação de uma vontade subjetiva de partilhar um código. Abordar a identidade nacional é, portanto, esbarrar em aspectos multiculturais de uma sociedade. Tratar desse estado multicultural impõe considerar tanto etnias nacionais diversas – como acontece em Moçambique e ocorreu em Timor Leste, por exemplo – quanto minorias migratórias – como se pode observar em Portugal atualmente ou mesmo com a chegada da Keeping Peace Force em Timor Leste, a partir de 1999, com a instalação da força humanitária internacional e de uma verdadeira babel – ainda que a língua oficial de trabalho fosse o inglês. Nesta direção, o presente estudo, inserido numa pesquisa maior que versa a respeito das relações entre língua e identidade no âmbito

da lusofonia, abordará o papel da língua portuguesa em realidades nacionais de diferentes regiões do globo e a sua relação com outras línguas locais.

20. ROSÁRIO DURÃO Doutoranda em Estudos de Tradução, Universidade Aberta, Portugal

MARIA DO ROSÁRIO DURÃO é Mestre em Estudos Anglo-Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde apresentou uma dissertação na área do romance gótico. Exerceu a atividade de docente em Tradução do Inglês → Português, Língua Inglesa, Cultura Inglesa e Cultura Norte-Americana na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Presentemente, encontra-se a elaborar a sua tese de doutoramento - "Da Aprendizagem ao Saber (Satis)Fazer: Elementos de uma didática da tradução funcional do Inglês-Português" - na qual concebe um manual de tradução não-literária para o ensino superior. As suas atuais áreas de investigação são os estudos de tradução, nomeadamente a didática da tradução, bem como o cinema norte-americano.

TEMA 2.2. O FUTURO DO PORTUGUÊS NA UE

RESUMO. "O ENSINO DA TRADUÇÃO E O DESAFIO EUROPEU":

O processo de Bolonha e da criação do Espaço Europeu do Ensino Superior, mais do que um conjunto de imperativos que importa cumprir até 2010, devem ser entendidos como um desafio a todos aqueles que se preocupam com a formação de tradutores. Consciente da importância da tradução para uma Europa multilingue, moderna e competitiva, a Comissão Europeia fez algumas recomendações quanto aos objetivos, currículos e conteúdos dos cursos superiores de tradução, chegando mesmo a apresentar um perfil de curso a nível do primeiro grau. A análise desse perfil e das restantes diretrizes europeias permite definir o que se entende por tradução hoje em dia e o que deve ser o seu ensino, permite aferir o grau de aproximação dos conceitos europeus de tradução e do seu ensino à realidade portuguesa e permite avaliar as dificuldades e vantagens que a adoção efetiva de tais indicações representa. É sobre estas questões que a presente comunicação se irá debruçar.

Pelo Secretariado Executivo, 2.º Colóquio Anual da Lusofonia – SLP

CHRYS CHRYSTELLO

Telemóvel: + 351 91 9287816 E-fax (E-mail fax): + (00) 1 630 563 1902

Correio eletrónico: aicl@lusofonias.net ; ; website: www.lusofonias.net